

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

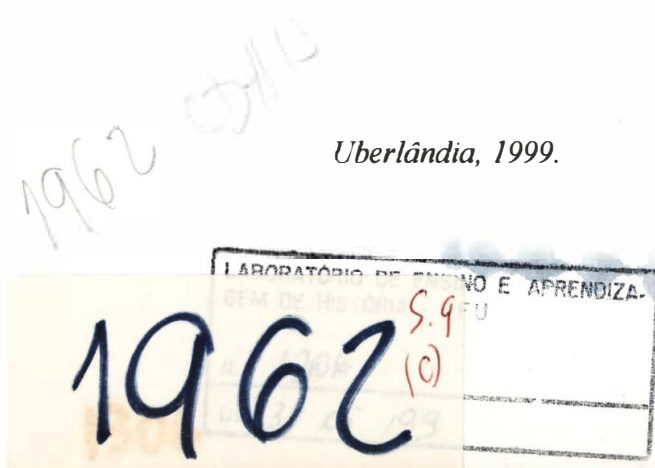
O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Celina Rosa da Silva

***ENVELHECER COM DIGNIDADE:
O GRUPO DA TERCEIRA IDADE E A
CONVIVÊNCIA COM O SESC.***

Uberlândia, 1999.



Celina Rosa da Silva

ENVELHECER COM DIGNIDADE:

O GRUPO DA TERCEIRA IDADE E A

CONVIVÊNCIA COM O SESC.

Monografia apresentada como exigência parcial para
obtenção de título de Bacharel em História, à
Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da
Professora Dr. Christina da Silva Roquette Lopreato.

Uberlândia, 1999

Banca

Professora Dr. Christina da Silva Roquette Lopreato

Professora Karla Adriana Martins Bessa

Professora Dr. Jacy Alves de Seixas

Agradecimentos

À Deus...

Aos meus mestres,

À toda equipe do SESC,

Aos colegas de academia, e

À minha orientadora Prof^a. Dr. Christina da Silva Roquette Lopreato,

Às amadas filhas, Nayara e Sarah, pela paciência com a mamãe e,

em especial a minha querida irmã Márcia Helena que, sem dúvida, colaborou imensamente para a realização deste trabalho.

Ao meu marido e companheiro, Hélió Henrique, ao qual devo o incentivo em retornar aos estudos, ao auxílio, ao apoio e compreensão durante estes anos.

ÍNDICE

Introdução.....	07
Cap. 1- SESC: a entidade de apoio à terceira idade.....	12
Cap. 2 – O envelhecimento e a sociabilidade	18
Cap. 3 – Lembranças dos “Mais Vividos”.....	26
2.1) D. Ordemira.....	28
2.2) Sr. Ataídes.....	31
2.3) D. Isaura.....	33
2.4) Sr. João Luiz.....	36
2.5) D. Rosina.....	38
2.6) Sr. Simontes.....	42
2.7) D. Antônia.....	47
2.8) Sr. Mári●.....	51
Cap – 4 Envelhecer com dignidade.....	54
Considerações finais.....	64
Bibliografia.....	67

INTRODUÇÃO

“O viver da gente é um viver constante e o aprender é infinito.”

D. Rosina Sanchez Martins.

Tornar-se idoso, em nosso país, implica fazer parte de um grupo que a própria sociedade discrimina. Neste contexto, o idoso é colocado num lugar onde imperam preconceitos e rótulos contra a sua pessoa. Os sentimentos com os quais convive são os da insegurança, do desconforto e, muitas vezes, do desrespeito humano.

A nossa pesquisa procura recuperar a experiência de vida de algumas pessoas que a sociedade considera como “velhas”, sem a pretensão de abarcar todos os problemas que permeiam o processo de envelhecimento humano.

Buscamos, ainda, retratar a questão do espaço social como algo de grande importância, diríamos até mesmo de apoio às pessoas idosas, no enfrentamento de sua velhice. Neste caso, tal espaço social é representado pelo SESC (Serviço Social do Comércio).

Em nosso trabalho, procuramos tornar evidente a importância para os idosos de se reintegrarem na sociedade fugindo um pouco da monotonia, buscando harmonia para sua pessoa, sem a preocupação com a idade que o tempo já lhe proporcionou.

Modificar a situação em relação aos variados problemas existentes hoje para o idoso, como por exemplo, a assistência médica e social o abrigo, não é tarefa fácil e muito menos rápida de ser alcançada. Entretanto, acreditamos que errado é o fato de não tentarmos modificar isso de maneira alguma, de não buscarmos sequer pensar em que podemos ser úteis na busca de soluções para uma melhor qualidade de vida ao idoso.

Almejamos em nossa pesquisa sermos mais um daqueles que sonham em poder modificar o tratamento que a sociedade dispensa aos nossos idosos. Para isto, é necessário pensarmos a problemática do idoso e, bem mais que pensar, buscarmos visualizar possibilidades de melhorar o espaço que estes idosos ocupam, a sua condição financeira, entre outros problemas.

Ecléa Bosi, em *Memória e Sociedade*, escreve: “É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da Humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele”.¹

Urge sim, buscarmos soluções para enfrentar os problemas da terceira idade, mesmo porque seremos nós, num futuro próximo, a ocuparmos o seu lugar.

A minha escolha deste objeto de pesquisa não surgiu do nada. Sempre carreguei um carinho especial pelas pessoas mais velhas. Quando ainda garota, fazia companhia para uma senhora, D. Antônia, uma pessoa com seus oitenta anos de idade, mas com uma cabeça incrível. Tive o prazer de conviver com ela cerca de três anos de minha vida, os quais, além de experiência, deixaram muitas saudades.

Os anos de 1991 a 1993 foram marcantes para mim, pois minha mãe trabalhava no “Lar Chico Xavier”², onde sempre eu ia quando tinha algum tempo disponível. Conversava muito com os idosos da casa e também, quando podia, participava das reuniões de oração, entre outras atividades.

Depois, me interessei em fazer um trabalho de pesquisa no próprio Lar para uma das disciplinas do curso de História, onde deveríamos fazer um levantamento de toda a documentação existente. Seria uma catalogação do material disponível. Assim, quando tive que decidir qual seria o meu objeto de pesquisa, não relutei. Sabia que iria tratar algo referente à questão do idoso. Apenas tive dúvidas quanto a decidir pesquisar a respeito dos asilos ou direcionar a pesquisa para a pessoa do idoso.

¹ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velho*. São Paulo. T.º Queiroz, 1978, página 81

² Lar Amparo Promoção Humana Chico Xavier- localizado: R. Wilson Cunha nº. 120 B. Planalto

No final do ano de 1996, participei das atividades desenvolvidas no SESC , ambiente este que será descrito mais adiante. Lá tive a oportunidade de decidir o que realmente pretendia.

Participando semanalmente às quartas-feiras, fui me envolvendo com os integrantes do então denominado “Grupo dos Mais Vividos”. Ali fui fazendo uma série de questionamentos comigo mesma, pois muitas coisas poderiam ser escritas a respeito do que ocorre durante aquelas reuniões.

No decorrer de nossa pesquisa surgiu ainda a oportunidade de participar de um grupo de estudos “Aprendendo “com(o)” envelhecer, o qual teve a duração de 40 horas, contando com a participação de alunos da área da Psicologia, História, Pedagogia, Educação Física, entre outros. O curso ministrado pelas psicólogas Marinéia Crossara e Nelma Caires, foi direcionado para quatro temas centrais sobre o idoso: Introdução à Gerontologia, Aspectos Bio-Psico-Sociais do Envelhecimento, Sexualidade na Terceira Idade e Programas para a Terceira Idade. Tal experiência foi muito válida, além de contarmos com uma bibliografia muito recente sobre o tema.

A nossa pesquisa baseou-se em alguns relatos de idosos e, portanto, fez-se necessário buscarmos entender um pouquinho a respeito da História Oral.

A História vem buscando novas maneiras de levantar os acontecimentos. Além dos documentos oficiais, lança mão de uma gama variada de outras fontes que lhe sirva como referencial como por exemplo: diários, fotos, cartas, entrevistas etc. A utilização da fonte oral, ainda hoje contestada por aqueles que trabalham com um historicismo tradicional, vem avançando de uma forma significativa em nosso país. De meados da década de 70 para cá, podemos encontrar uma grande quantidade de trabalhos e de projetos de pesquisas que têm na História Oral a sua principal fonte de pesquisa.

Percebemos também que o uso da pesquisa oral passa a fazer parte não só das disciplinas das áreas sociais, mas faz atualmente parte do arsenal de técnicas e métodos de várias outras ciências.

Philippe Joutard em um dos capítulos do livro *“Usos e abusos da História Oral”*, diz que muitos historiadores vêem na História Oral a possibilidade de escreverem uma verdadeira “história alternativa”, uma história que dá voz aos “vencidos”.

Entre discussões, rótulos, menosprezo e uma variedade de preconceitos, ainda assim a história oral reafirma a cada dia a sua grande utilidade, não apenas como apoio a outras pesquisas de cunho oficial, mas se posicionando como uma fonte criadora de uma História própria.

SESC:

A Entidade de Apoio à Terceira Idade

“ Neste local não vejo o tempo passar. Não que eu tenha pressa que o tempo passe, é que nessa idade não nos resta muitas obrigações e ficar parado sem atividade nenhuma é muito difícil.”

Sr. Ataídes Ferreira Batista

Em 1946, entidades sindicais do comércio e associações comerciais do País, reunidas no Rio de Janeiro, decidiram fundar o SESC atendendo, assim, ao propósito do comércio nacional em assumir todos os encargos resultantes do serviço planejado, o Governo Federal editou o Decreto-lei nº 9853, de 13 de Setembro de 1946, que atribuiu à Confederação Nacional do Comércio, órgão máximo sindical de sua categoria, representativo da classe dos comerciantes, o encargo de criar e organizar o Serviço Social do Comércio, cujos serviços passaram a ser reconhecidos pelo Estado, embora no âmbito estrito do direito privado.

O objetivo fundamental do SESC é promover o bem-estar social dos comerciários e de suas famílias e o aperfeiçoamento moral e cívico da coletividade. O SESC definiu como prioritários os campos de lazer, nutrição, educação e saúde, que se operacionalizam através de atividades variadas, todas elas refletindo os princípios de um trabalho eminentemente educativo, sem contudo deixarem de se identificar como áreas distintas em termos práticos.

Em Uberlândia, o SESC surgiu em 24 de outubro de 1960, numa pequena casa na à rua Cel. Manoel Alves, esquina com a rua Bernardo Guimarães, onde funcionou durante oito anos passando depois para outro ambiente na Av. João Pinheiro.

Com a doação de um terreno pela Prefeitura de Uberlândia, com localização na rua Benjamim Constant número 844, teria início a luta pela construção da sede própria. Não podemos deixar de citar a ajuda e a força de grandes comerciários como o Sr. Oswaldo de Oliveira, o Sr. Neyton Veloso (que inaugurou o SESC de Uberlândia), que deram rumo nesta empreitada.

Os objetivos do SESC em relação aos seus associados são os seguintes:

- a valorização da classe comerciária, através de sua capacitação por uma melhor ação produtiva e participativa no desenvolvimento,

- o favorecimento de oportunidades de valorização e capacitação da família para o desempenho ativo e útil de sua função na sociedade,
- a defesa do salário real, tendo em vista as possibilidades de poupança da renda salarial dos comerciários, através da oferta de facilidades na obtenção de bens, comodidades e serviços.

A fim de alcançar os seus objetivos, o SESC deve contribuir para a solução dos problemas dos comerciários e suas famílias nas seguintes áreas:

- Educação
- Saúde
- Alimentação
- Lazer
- Habitação
- Vestuário
- Transporte
- Orientação Profissional e Social.

Comerciários e seus dependentes compõem a clientela do SESC. Compreende-se como comerciário, o empregado de empresas contribuintes, salvo as isenções legalmente determinadas, e como dependentes os membros de sua família que dele dependam economicamente de forma substancial.

O centro de atividades do SESC oferece aos seus usuários esporte, lazer, cursos de formação, saúde e aprimoramento cultural, através de cursos de línguas estrangeiras, supletivos, recreação infantil com crianças de 4 a 6 anos e uma biblioteca cujo acervo ultrapassa 7.000 volumes (entre eles várias doações da comunidade).

Ainda desenvolve atividades de: culinárias, corte e costura, trabalhos manuais, futebol de salão, karatê, natação, basquetebol, voleibol, ginástica e hidroginástica. Na área

profissionalizante, cursos de datilografia e atualmente informática; na área de atualização de conhecimento, os cursos de Inglês e Espanhol: na área de educação, os cursos de supletivo de primeiro e segundo grau.

Na área de nossa pesquisa, um grande trabalho com os idosos vem sendo desenvolvido. O pessoal da terceira idade encontra no SESC um espaço totalmente dedicado a ele, onde várias atividades o aguardam.

A coordenadora Darci S. Gomes Da Silva, que atua neste cargo há 14 anos, sabe a maneira correta de lidar com os idosos. É simples e direta em sua fala e todos do grupo a respeitam demonstram muito carinho para com ela.

O “Grupo dos Mais Vividos” compõe-se, atualmente, de cerca de 500 idosos. As atividades são inúmeras, o que permite aos seus integrantes escolher participar do que gosta. Em todas as atividades e, principalmente nas da área esportiva, os idosos são acompanhados por profissionais competentes, visando garantir segurança e bem estar.

O grupo ainda conta com a realização de excursões onde a maioria participa com animação e alegria. Tais excursões oferecem uma integração com idosos de outras cidades e estados. Palestras do interesse do grupo sempre são ministradas buscando abordar assuntos sociais, políticos e médicos, entre outros.

Todo ano, o grupo participa do carnaval de rua em Uberlândia. Eles formam o bloco “Os Mais Vividos do SESC” que é a comissão de frente do desfile. Fantasiados e bem dispostos, percorrem em ritmo de samba toda a avenida destinada ao evento. Por várias vezes, mereceram o prêmio de destaque e animação do Carnaval Uberlandense.

Todo trabalho desenvolvido com os idosos é registrado seja através de fotos, filmagens ou relatórios. Desta maneira, já existe uma boa documentação sobre o grupo, podendo ser manuseada sem grande burocracia.

Tendo sido confiado a administração à própria classe que o financia, o SESC tem sabido corresponder à confiança, pois a atuação por ele exercida junto à coletividade comerciária, durante este meio século de existência, já apresenta significativo acervo de realizações. Atualmente, o SESC tem como Presidente da Federação do Comércio, a nível nacional, o Sr. Presidente Rossi e como diretor regional de Minas Gerais, Sr. Robinson Corrêa Gontijo.

Os integrantes do “Grupo dos Mais Vividos” podem ser encontrados no SESC, às quarta-feiras e no sábados do horário das 13:00 às 17:00 horas. Durante este período, o grupo se divide em atividades variadas: jogos, danças, conversas informais. Uma vez por mês há a celebração de uma missa no próprio ambiente do salão.

Compreender este ambiente requer participação, só assim podemos visualizar e entender a importância do espaço social para a terceira idade e ainda compreender como ambientes como o do SESC devolve aos seus integrantes, tidos como inúteis para a sociedade, a participação ativa no grupo, revelando o potencial criativo de cada um deles. Neste sentido, é exemplar o poema *Devaneio*, que nos foi oferecido pela Dona Rosina escrito lá mesmo no SESC.

“DEVANEIO”

“Às vezes me sinto triste e solitária, então dou asas à minha imaginação. Volto o pensamento a um passado cheio de coisas bonitas, e na minha mente vão surgindo uma a uma como se estivessem acontecido recentemente.

No meu devaneio, recordo-me das alegrias que sentia ao receber um ramalhete de flores, de acordar pela madrugada ao som de uma serenata.

Naquele tempo, toda mocinha se sentia orgulhosa em contar para as amiguinhas seus segredinhos de amor.

Não existia o preconceito de ser romântico, o amor nascia puro como uma fonte de água cristalina.

Hoje ao recordar este tempo vivido, esta linda etapa, a alegria volta com tamanha intensidade, que não encontro motivo justo para me sentir triste.

Porque não ser feliz, se tenho o tempo a meu favor os anos vividos, aquela experiência que a vida me concedeu.

Olhar para trás é bom mas viver o hoje é gratificante: se não sou jovem consegui guardar em meu coração o romantismo.

Porque ficar triste, se tenho saúde, posso caminhar, ver o desabrochar das flores, sentir seu perfume e conservar na retina dos meus olhos as maravilhas da natureza.”

O envelhecimento e a sociabilidade

“Para todos estar com setenta e cinco anos de idade é muito, mas o meu espírito, e em meu pensamento, não há velhice, ainda é como se eu fosse mocinha.”

D. Antônia Lopes Arduine

É preciso primeiramente buscarmos esclarecer sobre o que entendemos por sociabilidade. Ana Montóia em seu artigo busca fundamentar sua análise sobre o conceito de sociabilidade baseando-se em discussões de vários autores que colocam diversas definições sobre o tema. Segundo a autora, haverá sempre uma dificuldade na apreensão da noção de sociabilidade. Para muitos autores, a palavra tende a torna-se cômoda por acolher uma variedade de formas elementares da vida coletiva.

No século XVIII, sociabilidade era a virtude capaz de tornar o homem sensível aos demais. Significava, portanto, estar aberto aos outros com sentimentos desinteressados. Em sentido político, a sociabilidade, neste período, estava ligado à arte do diálogo.

Ana Montóia cita Durkheim, e ele faz um balanço sobre o Congresso Alemão de Sociologia em 1910, onde Simmel diz: *“Diversos interesses, políticos, econômicos, religiosos, estéticos dão nascimento a agrupamentos diversos. Destes interesses, importa distinguir um sentimento que se contenta do agrupamento em si mesmo: é a sociabilidade”*.

*“Mais do que associação, mais do que agrupamento é, portanto, sentimento de fruição, onde os diversos interesses conferem forma. Durkheim conclui a leitura de Simmel: a sociabilidade exige igualdade, atenuação das diferenças pessoais e profissionais, tato, democracia.”*³ Em seu artigo a autora observa que o conceito de solidariedade englobou o de sociabilidade, mas que, no entanto não pode substituí-lo.

Em nossa pesquisa, sociabilidade está associada à idéia do indivíduo que se agrega aos demais para fugir da solidão.

³ MONTÓIA, Ana. Da sociabilidade à solidariedade: as tentativas de definição pela sociologia do século XIX. In: *História & Perspectivas*, nº 14/15, Jan/Dez 1996, pág.35

O ser humano é um ser por natureza social e é através da sociabilidade que desenvolve a sua capacidade criativa, o seu eu, sua individualidade apoiando-se nos demais indivíduos que o cerca para a sua auto-afirmação. Isso, em consequência, gera as relações objetivas de poder, de trabalho e de produção, e também todas as suas relações afetivas.

Quando estas relações enfraquecem, decai o poder de relacionamento aumentando, assim, as probabilidades de isolamento do indivíduo. Este isolamento é um fator que fica evidenciado, com uma grande clareza, entre a população que ingressa na então polêmica terceira idade.

Pensar a velhice no Brasil é coisa, para muitos, sem fundamento. É por extensão, assunto para quando estiverem velhos. O nosso país caminha para um novo milênio com seus velhos cada vez mais discriminados, carregando o gosto amargo de ser velho.

A falta de consideração com os mais velhos é um problema que, na maioria das vezes, tem o seu início nos próprios lares, no convívio familiar, estendendo-se para a sociedade em geral. Esse problema é agravado com as atuais mudanças na estrutura familiar, uma vez que a mãe de família tornou-se aquela mulher a ir à luta pela conquista de um lugar no mercado de trabalho deixando, por vezes, o idoso, por conta das instituições sociais.

Ao conversarmos com os idosos, suas maiores dores são logo reveladas: a falta de atenção e de carinho por parte dos mais novos, por parte dos próprios familiares. Simone de Beauvoir em seu livro *A Velhice*, afirma: *“É de maneira dissimulada que o adulto tiraniza o velho que depende dele. Não ousa abertamente dar-lhe ordens, pois não tem direito à sua obediência: evita atacá-lo de frente, manobra-o. Na verdade, alega o interesse do ancião. A família inteira se torna cúmplice. Mina-se a resistência do ancião, oprimindo-o com cuidados exagerados que o paralisam, tratando-o com uma benevolência irônica, falando-lhe em linguagem infantil, e até mesmo trocando, por trás dele, olhares de entendimento,*

*deixando escapar palavras ferinas. Se a persuasão e a astúcia fracassam em fazê-lo ceder, não se hesita em mentir-lhe, ou em recorrer a um golpe de força. Por exemplo, convence-se o velho a entrar provisoriamente numa casa de aposentados, onde é abandonado. A mulher e o adolescente que vivem na dependência econômica de um homem adulto tem mais defesa do que o velho: a esposa presta serviços – o serviço da cama e o trabalho de casa; o adolescente se tornará um homem que poderá pedir contas; o velho não fará mais que descer em direção à decrepitude e à morte; não serve para nada. Puro objeto incômodo, inútil, tudo que se deseja é poder tratá-lo como quantia desprezível.”*⁴

Neste contexto, o idoso tornou-se aquele indivíduo que não traz lucros, portanto aquele com quem não precisamos nos preocupar, pois a sua etapa produtiva já foi cumprida. Estabeleceu-se, assim, critérios para a vida humana, sendo estes meramente materiais.

Muitas pessoas “renegam” a velhice, e ainda, e busca soluções a fim de encontrar a fórmula mágica da vida eterna. Pensar em eterno é obstruir a existência da morte. E, por vezes, a velhice, é o significado da própria morte, é o que chamamos de morte lenta, sendo, portanto, representante e portadora do fim de uma existência. Esta não aceitação da velhice é, sem dúvida, algo que impede o próprio caminhar da luta pela questão dos idosos. Isto é, se o “velho” é aquele que caminha para o seu final, qual é a importância de tanta preocupação com este fim?

Vários fatores podem caracterizar a velhice: a perda do humor, dos ideais, a desconfiança com o que virá depois, a falta de sintonia com o tempo, o desamor ao trabalho, entre outros. No entanto, não existe regra nem marco que defina quando é que o indivíduo

⁴ BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*. São Paulo, Difusão Européia do Livro 1976, Página 78 - Optamos por reproduzir o texto integral do parágrafo por acreditar que ele expressa, de maneira contundente, o tratamento reservado ao idoso.

ingresso na velhice. Muitíssimas são as discussões e poucas são as definições, pois envelhecer não é um processo apenas físico, é também um processo psicológico.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), idoso é aquele que possui mais de 60 anos. No Brasil, porém, pelo fato de ser um país de terceiro mundo, onde a população é lançada no mercado de trabalho ainda muito jovem, geralmente sem assistência social necessária e com cargas excessivas de trabalho, a velhice é consequentemente algo precoce. Portanto, a faixa etária do idoso brasileiro continua em discussão, sem idade definida.

Envelhecer em nosso país é ainda mais doloroso, pois a questão social da velhice é produzida pela expansão das classes trabalhadoras e assalariadas, onde velho é aquele incapacitado, improdutivo. Entre tantos outros preconceitos, este ser é excluído da vida ativa. Por outro lado, quando este indivíduo tem a possibilidade de adquirir uma aposentadoria, esta, na maioria das vezes, não vem a garantir a sua sobrevivência.

O Dr. Osvaldir Vieira da Silva, especialista em Geriatria e Gerontologia, fala em uma crônica sobre a hora de aposentar de uma maneira simples e engraçada, mas retrata bem como é o problema.

***"Primeira velhice-** Chegou a hora de aposentar-se. Foram 30 anos de contribuição suada para a Previdência Social. Agora, sim, pensa que irá descansar. Quanto engano! Quanta frustração! Primeiro ninguém sabe explicar muito bem o que ele tem a fazer para obter a tal da aposentadoria. No entanto, estão dizendo que a tal lei vai mudar. Uns dizem para ele esperar, outros dizem para ele se apressar, senão perde tudo. Nesta confusão, conhece um advogado que diz ser especialista no assunto e que vai aposentá-lo no menor espaço de tempo e com o maior rendimento possível. Claro, não será de graça. Assim,*

concorda em repassar para o advogado as 6 primeiras mensalidades que receber do INPS. Junta os documentos, vai, volta, vai, junta mais papéis, vai às firmas onde trabalhou anteriormente etc... Finalmente, entrega tudo ao advogado. O tempo passa, o dinheiro não vem. Não adianta reclamar, pois já ouviu dizer que o INPS é assim mesmo. Algum tempo depois (e pode ser anos) ele é informado que já está aposentado e que o expert no assunto contratado obteve o melhor para ele: imagine, receberá um salário mínimo por mês, sem ter que trabalhar! Isto não é ótimo?...Claro que terá de pagar o advogado durante 6 meses, mas para quem já esperou tanto, isto não faz muita diferença.”⁵

Isto nos leva a pensar o envelhecimento com angústia. Muitos estudiosos dizem que o idoso no Brasil não é algo que cause polêmica e suscite impacto nas políticas públicas. E é por isto que os casos como de aposentadoria, entre outros, ficam da maneira como se define a burocracia.

Um ponto que vem gerando discussões, e começa a mostrar-se como algo de interesse para o país, é a questão da longevidade estar deixando de ser característica de primeiro mundo e começando a ser realidade em países como o nosso. Isto é assunto que agora começa a ser manchetes de primeira página de jornais. O jornal *A Folha de São Paulo*⁶ traz, além de gráficos do IBGE sobre a idade da população brasileira, uma análise sobre o envelhecimento populacional do nosso país. Segundo a reportagem de Toni Sciarretta, no período de 1992 a 1997 o número de maiores de 60 anos cresceu 18%, enquanto a população como um todo aumentou 7,3% de acordo com a (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) PNAD.

⁵ SILVA, Osvaldir Vieira. Envelhecer no Brasil, uma aventura. In: *Revista 50 Anos – SE/SC. São Paulo. Editora Gente. 1996. Páginas 47-48.*

⁶ SCIARRETA, Toni. População Idosa Cresce mais no Brasil. *Folha de São Paulo*, Cad. 3, 10/12/1998, página 1

Sérgio Mário Pacheco, médico da USP, em sua pesquisa sobre a Epidemiologia do Envelhecimento, baseada em dados estatísticos oficiais extraídos também em censos do IBGE, coloca que o Brasil caminha a passos largos para o envelhecimento de sua população e que o termo tanto usado de “País de jovens” não cabe mais para os nossos dias. A partir da década de 1970, as taxas de crescimento populacional mostraram sensíveis reduções, chegando por exemplo na década seguinte a um índice menor (1,93%), do que o previsto (2,1%). Isto concomitantemente com o aumento da distribuição etária no país.

O estudos sobre o assunto, têm mostrado dois fatores atuantes no processo de envelhecimento acelerado da população, o primeiro, seria a melhoria nas condições de vida e o avanço da medicina que fez diminuir o índice de mortalidade e, segundo, a queda da fecundidade, isto é, um maior controle da natalidade no país.

Devemos esclarecer que a longevidade para os indivíduos foi sempre algo buscado pela medicina. Ela não é o problema, ao contrário foi a solução encontrada através de melhorias de condições de saúde pública, avanços na própria medicina, contando ainda com a queda da mortalidade infantil e a melhoria nas condições de saneamento básico, entre outros fatores que resultam em nossos dias numa expectativa de vida mais longa.

Entretanto, o aumento da expectativa de vida das pessoas, requer estudos e soluções, na medida que a quantidade de pessoas jovens não é suficiente para dar conta do sustento das pessoas idosas num futuro próximo. Isso sem pensarmos nos problemas sociais decorrentes deste processo de envelhecimento da população.

Abaixo, conforme citado, segue a tabela com os dados de crescimento populacional (fonte IBGE)

População nas Datas dos Recenseamento Gerais, Taxas Médias Geométricas de Crescimento Anual e Distribuição Etária.

Brasil –1872 a 2025

Data-dos	População	Taxa média de	Distribuição etária (%)		
Recenseamentos Gerais	Residente	Crescimento anual (%)	0 a 14 Anos	15 a 59 –	60 Anos e+
1/8/1872	9.930.478	2,01	-	-	-
31/12/1890	14.333.915	1,98	-	-	-
31/12/1900	17.438.434	2,91	44,4	52,3	3,3
1/9/1920	30.635.605	1,49	42,8	53,2	4,0
1/9/1940	41.165.289	2,39	42,5	53,4	4,1
1/7/1950	51.941.767	2,99	41,9	53,9	4,2
1/9/1960	70.070.457	2,89	42,7	52,6	4,7
1/9/1970	93.139.037	2,48	42,1	52,8	5,1
1/9/1980	119.002.706	1,93	38,2	55,7	6,1
1/9/1991	147.053.900	1,6*	34,7	57,9	7,4
2.000**	172.403.000	1,3*	29,5	62,2	8,3
2.010**	195.469.000	1,0*	26,3	63,7	10,0
2.025**	225.253.00		22,9	62,0	15,1

Fonte – Fundação IBGE: NEUPERT (1987)

Sinopse preliminar do censo demográfico 1991 – Brasil

** População estimada

* Taxa estimada 1 população presente

Lembranças dos “Mais Vividos”

*“Minha vida é de longa história, de modo que muita
coisa passou mas a gente não se lembra.”*

Sr. Simonides Alves de Freitas

No decorrer destes dois últimos anos, os quais acompanhamos as atividades desenvolvidas pelo grupo da terceira idade do SESC, fomos avaliando o quadro dos seus integrantes, na tentativa de escolhermos alguns deles para nos concederem entrevistas. Pretendíamos, num primeiro momento conversar com os idosos que ainda estavam atuantes no mercado de trabalho. Porém, como as coisas fogem às nossas expectativas, fizemos então a escolha de dez pessoas entre os integrantes do grupo e começamos todo o trabalho de diálogo entre tais pessoas na tentativa de lhes esclarecer nossa proposta. Primeiramente, somente oito concordaram com a entrevista gravada, os demais disseram que falavam, mas que não queriam gravadores por perto, o que dificultaria o nosso trabalho.

Passamos os meses de abril, maio e junho de 1998 trabalhando somente com as entrevistas. A dificuldade estava em marcar a hora, o local pois, no ambiente do SESC, os idosos valorizam muito aquele horário que deve ser dedicado aos seus encontros com o grupo. Então, nos restaram alguns momentos em que todos estavam por ali esperando para dar início às atividades e também tivemos a permissão de alguns deles, como a Dona Ordemira, para entrevistá-los em suas casas.

Com o início dos relatos, a nossa primeira expectativa, que era sobre o mercado de trabalho na terceira idade, caiu por terra. Optamos por deixar os entrevistados a vontade para falarem de suas vidas, e estes foram colocando os problemas enfrentados, dados sobre suas famílias e sobre a participação no SESC. Em todas as falas, o ponto em comum era sobre a importância daquele lugar para eles. Sobre o trabalho (os que ainda exercem) falaram muito pouco. Com isso, tivemos que tentar observar a questão do espaço social, que era o que surgia com interesse em todas as falas: que ali no SESC haviam encontrado a sua turma. Muitos até diziam estar no meio de seus colegas, como nos tempos de jovens colegiais. Portanto, a questão da sociabilidade tornava-se evidente.

Por escolha metodológica, optamos por dar uma sequência nas entrevistas, de maneira que todos os relatos terão o seu início na infância, traçando o caminho percorrido em suas vidas até os dias atuais.

Cientes também de que corremos o risco com tal trabalho, de perder alguns detalhes da memória destes idosos.

A seguir, apresentaremos os relatos colhidos através de depoimentos das pessoas que, freqüentando o SESC , colaboraram com a pesquisa:

D. ORDEMIRA FERNANDES

Dona Ordemira Fernandes, Residente à Rua Rodrigues da Cunha, nº 34, Bairro Martins Uberlândia. MG. Nascida a 23/05/1924. Companheira do Sr Ataídes, também nosso entrevistado..

“Fui criada na fazenda Pouso Alegre, município de Uberlândia. Mamãe teve doze filhos, sete homens e cinco mulheres e o segundo dos irmãos faleceu. Meu avô era o Coronel Manoel Alves, pessoa muito respeitada em Uberlândia. Eu não o conheci, tenho muita vontade de ver pelo menos fotos dele, mas nem nos arquivos de Uberlândia nós encontramos.

A nossa vida na fazenda era muito difícil, trabalhávamos em serviços pesados. Papai era muito nervoso, muito bruto e muito rígido com a gente, não podíamos passear nem namorar, se fazíamos isso era escondido dele. Nossos passeios era quando tinha algum forró em outras fazendas e aí papai ia com a gente ou então ir nas festas da Capela da Saudade,

era onde arrumávamos os namorados às escondidas. Estas eram nossas épocas boas da vida.
(gargalhadas)

Me casei com vinte anos de idade, fui morar com meus sogros depois mudei para a cidade de Uberlândia. Tive três filhos, duas meninas e um menino. O menino faleceu. As minhas filhas com diferença de idade de apenas de um ano e três meses. Me deram muito trabalho. Meu marido era muito sem paciência, muito nervoso, não dava valor na gente, batia nas meninas a toa e aquilo me enfezava demais. Havia dias que a mais velha chorava tanto que eu tinha que deixar a mais nova e apenas cuidar da outra. Foi neste período, meados dos cinco anos de casamento, que as coisas começaram a não dar mais certo. Ele começou a “andar” com a minha empregada dentro da minha própria casa, passou a procurar “mulheres da vida” e com isso contrai doenças venéreas. Depois ele arranhou uma mulher que me fez sofrer ainda mais. Esta mulher pensava que ele era rico, pois ele era negociante de carros e a cada dia estava com um carro melhor do que o outro. Ela fez tanto que conseguiu tramar uma história tão feia a meu respeito que meu marido acabou acreditando. Nos separamos.

Não gosto de lembrar esta parte da minha vida, foram dias tristes e ruins. Depois, da separação ele me tomou as minhas filhas. Fiz de tudo, mas não consegui ficar com elas. Eu chorava tanto, me parecia que nunca mais aquela dor ia passar. (emoção na fala)

A mais velha foi a que mais sofreu, pois já tinha cinco anos e já entendia o que se passava. Acredito que os problemas de nervosismo que ela sofre até hoje foram trazidos desta época de angústias.

Dai para frente minha vida não teve muito sentido, fui morar com alguns parentes, vendo minhas filhas crescerem distante de mim. Para mim, o pior, além da separação das meninas, foi ver as duas irem viver com famílias diferentes, uma ficou com meu sogro e a

outra com uma das minhas cunhadas. Eu tinha o dia marcado para ver as minhas filhas.(expressão de raiva)

Depois de alguns anos convivendo com a minha família, decidi que deveria ter um lugar só meu. Foi aí que aluguei uma pequena casa entre duas famílias, na Rua Agenor Paes, abaixo da Cesário Alvim. Ninguém de minha família se opôs a minha vontade, pois todos já haviam me visto sofrer demais.

Onde fui morar era um lugar muito agradável, a vizinhança ali era muito boa para mim. Trabalhei como costureira, como professora de corte de costura durante algum tempo para me sustentar. Tive muita ajuda de minha família.

Assim que minha mãe adoeceu com câncer, fui eu que cuidei dela até a morte.

Minhas filhas, depois que cresceram e casaram, foi que aproximaram mais de mim. Hoje em dia elas me dão atenção, sempre que têm um tempinho, me visitam, trazem o que eu preciso. Moro nesta casa, mas é de uma delas.

Tenho dois netos e duas netas, todos estão já quase formados. Meus genros são muito bons comigo também, acho que se fossem meus filhos não seriam tão bons.

Fiquei trinta e cinco anos desquitada. Como morava sozinha, solitária, tomava remédio diariamente, pois vivia doente. Foi aí que umas amigas me convidaram para conhecer o SESC. Eu fui, gostei tanto que passei a fazer parte do grupo.

Me sinto outra pessoa, tenho muitas amizades, posso dizer que lá me tornei feliz. Hoje me sinto tão bem, que não preciso mais dos remédios. Lá eu participo de muitas atividades que são as danças folclóricas, dança do bastão, dança cigana, quadrilha. Participo ainda do coral e da hidroginástica. Tenho 74 anos e me considero jovem, pois tenho um espírito elevado, não sou uma pessoa que fica quieta enfiada dentro de casa. Eu não sinto tristeza, eu

me sinto bem, não tenho preguiça, não tenho medo do serviço, enfrento tudo o que for preciso.

A gente não está assim muito firme mais; com as pernas já fracas, a cabeça tem dias que não está muito boa, sinto estas coisas, fora isto, estou muito bem disposta.

Foi através de participação deste grupo que conheci o Ataídes foi onde resolvemos viver juntos e com isso já se foram oito anos. Hoje já não tenho certeza que fiz uma boa opção, pois como todos nós temos problemas, ele tem os seus o que às vezes torna difícil a nossa convivência..”

SR. ATAÍDES FERREIRA BATISTA

Vive atualmente o seu terceiro casamento com a dona Ordemira, reside na Rua Rodrigues da Cunha nº 34, Bairro Martins. Uberlândia MG. Nascido a 20/01/1935.

“Eu nasci em vinte de janeiro de 1935 no município do Panamá (Goiás), antiga Divinópolis. Vivo já oito anos com a Ordemira.

Vim para Uberlândia em 1953, quando ainda esta cidade era muito pequena. Trabalhei com armazém por muito tempo. Antigamente a vida era muito difícil, o meu pai era muito bravo com a gente. Não tinha muita paciência. Éramos apenas dois irmãos, eu sou o caçula. Meu irmão dava muito trabalho para minha mãe, pois chegava sempre tarde da noite. Então eu como já era doente já dava muita preocupação para mamãe, procurava então facilitar a vida diária dela, auxiliando nas atividades domésticas e também evitava de ir

para a rua; na verdade não fui um rapaz de sair de casa para me divertir, para conhecer pessoas, quase não passeava. (longo silêncio)

Não gosto muito de lembrar o que já aconteceu, pois sempre que faço isso o que me vem primeiro em minhas lembranças é o sofrimento que atravessei durante todos esses anos com a minha saúde. Desde os oito anos de idade sofri de epilepsia, esta doença me atrapalhou em muitas coisas na minha vida. Me casei pela primeira vez quando já tinha quarenta anos de idade, estou casado pela terceira vez. Meus dois primeiros casamentos duraram pouco mais de cinco anos cada.

Acredito que o fato de ser doente não deixou meus casamentos durarem muito. Sempre que sofria as crises fortes eu desmaiava; e isso deixa qualquer esposa insegura. Hoje em dia os desmaios que sentia amenizaram-se. Mas, sem dúvida nenhuma, esta doença foi o maior problema de minha vida, sem contar o quanto ela atrapalhou-me. (uma grande expressão de dor ao falar deste assunto)

Neste último casamento, com todas as dificuldades, já se passaram oito anos. Me sinto bem com a Ordemira, entretanto há o problema de ciúmes demasiados por parte dela, e isso nos atrapalha também.

Reclamo a falta de liberdade porque gosto de vir aqui no SESC , para me distrair, divertir, dançar e aí, a maioria das vezes que estamos aqui, saímos brigados, pois se cumprimento alguma outra mulher, isso é motivo para ela ficar com raiva de mim.

Hoje me sinto fazendo parte do mundo dos idosos, e o que mais me incomoda ao me sentir velho é o fato de perder a minha liberdade.

Com três casamentos hoje ainda sinto pelo fato de não ter tido nenhum filho, Deus não me ofereceu esta oportunidade. De minha família só resta eu; em 1993 faleceu o meu irmão.(angústia na voz)

Sempre que penso em tudo o que já se passou, apenas lembro-me de ser feliz de verdade, quando ainda contava com a presença de meus pais.

Há uns dez anos atrás uns amigos me convidaram para vir conhecer o SESC. Como eu estava me sentindo muito só, precisava conhecer mais pessoas, aumentar meu ciclo de amigos, então vim e gostei tanto que estou aqui até hoje. Eu participo apenas das danças de salão e dos jogos de truco.

Gosto muito deste ambiente, pois aqui podemos notar o respeito, a amizade e isso para mim é o que importa. Busquei realmente aqui dentro a distração e encontrei. Neste local não vejo o tempo passar. Não que tenha pressa que o tempo passe, é que nesta idade não nos resta muitas obrigações, e ficar parado, sem atividade nenhuma, é muito difícil.

Foi aqui que conheci a Ordemira, e apesar das desavenças que estamos tendo ultimamente, não podemos negar que também já vivemos muitas coisas boas juntos. Que já construímos uma história juntos.

Desde que entrei para este grupo, melhorei em muito a minha saúde, me sinto bem menos nervoso. Este trabalho aqui, tem nos ajudado em muita coisa.

Não me preocupo nenhum pouco com a idade que tenho hoje, eu me sinto como parte do mundo dos idosos. Somente o que me incomoda de verdade é o fato de cada vez mais eu ir perdendo a minha liberdade, pois o idoso por mais que tente, ele acaba por ser dependente de alguém."

DONA ISAURA NUNES CRISPIN

Residente à Rua Benjamim Alves dos Santos nº 1811, Bairro Saraiva Uberlândia, MG.

Nascida em 01 /12/ 1918.

“Nasci em primeiro de dezembro de 1918. Minha mãe faleceu quando eu tinha três meses de idade, fui criada pela minha avó, a qual para mim era de fato minha única mãe. Morávamos em uma fazenda nas proximidades do Distrito de Martinésia.

Quando paro um pouco para pensar, lembro-me quase sempre só de serviço, pois desde os doze anos de idade que minha vida foi dedicada ao trabalho (apresenta este fato com tom de voz doce, sem rancor.)

A minha participação neste grupo do SESC começou de maneira muito interessante. Minha vida era trabalhar de Segunda a Sábado e não tinha amigas, vivia muito sozinha. Ao Domingo, eu ia à missa e assim tinha terminado a minha semana.

Um dia, enquanto eu trabalhava, conversava com uma menina empregada da mesma casa, e na conversa eu reclamava da falta de amizade, do fato de me sentir tão só. Então ela me perguntou se eu não conhecia o SESC. Foi onde ela me explicou o endereço e assim na mesma semana eu procurei. Me inscrevi como integrante do “Grupo dos Mais Vividos”, aqui estou eu, há mais de dez anos.

Tive uma época de minha vida muito feliz, foi quando eu casei. Nós éramos pobres, mas era uma maravilha. Depois foi passando o tempo e as coisas foram ficando muito difíceis, morávamos de casa de aluguel, e sempre tínhamos que mudar.

Criei meus quatro filhos, um homem e três mulheres. Com todas as dificuldades que a vida me ofereceu, consegui fazer com que cada um deles estudassem um pouco.

Tenho uma casinha, não é coisa fina, mas é arrumadinha e mais importante que é minha mesma, foi tirada dos meus braços, às custas de lavar e passar para os outros. Às vezes eu fico pensando, como é que dei conta, eu acho graça de mim mesma. Eu falo que Deus guia muita coisa boa para a gente. Eu tinha minha freguesia, onde eu passava e lavava

durante toda a semana, mas minha comadre já trabalhava com uma patroa e tanto fez até que eu deixei de lavar para uma das minhas freguesas e fui trabalhar para esta patroa, isso faz quarenta anos, eu continuo até hoje trabalhando para esta família.

Ao longo de minha vida, este único filho homem que tive me deu todo o trabalho que as meninas não me deram. Por volta dos doze anos de idade não queria mais estudar, e como eu trabalhava demais não tinha tempo para cuidar dele. Os problemas foram aumentando. Um dia minha patroa me perguntou se eu aceitasse, que ela iria encaminhá-lo para o Patronato; e assim fizemos. Lá ele ficou até os dezesseis anos de idade. Percebi que era hora de tirá-lo para que pudesse ser encaminhado em alguma profissão. Arrumei na oficina do meu genro, mas ele não queria trabalhar, só estava dando trabalho. Foi então que escrevi para meu irmão que morava em Mineiros explicando a ele a situação e pedindo se poderia mandar meu filho para morar um tempo com eles.

Este meu irmão é pessoa boa demais, justo e correto com os outros, e eu sabia que ele teria pulso forte com meu filho, sabia que junto ao meu irmão ele teria o que faltava, que era a presença de um homem já que não tinha o pai. (emoção)

Lá ele ficou por um ano. Mas quando voltou já quis continuar os estudos. Lá ele “virou homem”. Hoje é casado tem filhos e boa esposa. Graças a Deus, eu lutei, mas venci. E acredito que se eu não tivesse lutado ele teria virado marginal. Tive muito trabalho com ele, o que compensou toda a minha luta foi que hoje vejo um homem responsável.

Já minhas três filhas foi de uma tranquilidade para criá-las, não me deram trabalho nem com os namorados. Hoje casadas, uma mora aqui, outra em Paripe, a caçula mora em Goiânia.

Hoje estou sossegadinha em meu canto.

Agradeço a Deus todos os dias, pois sou uma pessoa feliz. Desejo ainda nesta vida, poder conhecer pelo menos um bisneto. Fora isto, peço a Deus somente saúde para minha pessoa e minha família.”

JOÃO LUIZ ROCHA

Residente à Av. João Naves de Ávila n.º 1082 Bairro Cazeca. Uberlândia. MG. Nascido em 1933.

“Nasci no ano de 1933, em uma fazenda, pertinho daqui, lá foi toda a minha infância, uma coisa maravilhosa era esta época. Contávamos com vinte irmãos, sendo sete de sangue, de dois casamentos de meu pai, e o restante todos adotivos.

Meu pai era uma pessoa especial, não era rico, mas com a força de vontade que tinha cuidava destes filhos todos. Assim que crescia, também ia para a lida da lavoura, de maneira que me lembro de toda a família trabalhando. O que era muito bonito. (Ar de alegria ao se lembrar da família)

Fui o responsável desta fazenda desde que tive tamanho para meu pai me entregar a responsabilidade. Mesmo quando casei continuei ajudando ele com a lida das terras. Depois chegou um momento que eu deveria seguir a minha vida com a esposa e filhos.

Vimos morar aqui na cidade. Meu casamento durou vinte e seis anos, tivemos duas filhas e um filho. De início tudo ia bem mas, como eu trabalhava aqui na profissão de pedreiro, muitas vezes arrumava construções para levantar em outras cidades, e assim eu passava vindo de quinze em quinze dias em casa. Minha esposa, com certeza já não se sentia feliz, então começou a procurar outras maneiras de se divertir, buscando como por exemplo

ir aos bailes do Brasileirinho⁷. Daí para a frente as nossas vidas foram se desencontrando cada dia mais. Porém não brigamos e não nos tornamos inimigos, apenas deixamos acontecer. Cada um agia de acordo com o que lhe fosse melhor e hoje nós temos uma convivência pacífica, podemos até dizer que somos amigos.

Foi o melhor que podemos fazer, pois nosso filho é doente, agora está com trinta e seis anos, porém é muito apegado à minha pessoa, sabia que se os deixassem, ele em especial sofreria muito.

O local onde moramos possui três casas uma eles moram, a outra é de aluguel, e a terceira é a minha. Assim convivo dia a dia com eles, porém tenho a minha privacidade.

Todos na família sabem que namoro a Maria Helena⁸. Ela aceita a convivência com esta situação, pois confia em mim. Se fosse ao contrário, acredito que eu não aceitaria. Homem é mesmo ignorante, não é? Mas ela entende e sabe que não tem nada a ver eu morar lá.

Às vezes tenho vontade de vender tudo, entregar a parte a que a ex-esposa tem direito e começar a minha vida novamente, junto com a Maria Helena, pois já faz quase 3 anos que namoramos, porém, fico sempre a ouvir meus filhos, e eles gostam muito daquele lugar onde moramos e reclamam sempre que falo em vender. Também penso que eles estão corretos, pois caso vendo e dividimos, o que levamos tempo para possuir, acaba com facilidade. Tenho minhas responsabilidades, e não são pequenas, devo zelar pelos meus filhos e o que será futuramente deles.

Mas graças a Deus, minhas filhas estão encaminhadas na vida, tenho dois netos maravilhosos.

⁷ Brasileirinho: casa de shows e danças, localizado na Av. Monsenhor Eduardo, onde a maioria de seus frequentadores são pessoas pertencentes ao grupo da terceira idade.

⁸ Maria Helena, também integrante do “Grupo dos Mais Vivos”, namora com o Sr. João.

Nunca paro para pensar na idade, sempre fui uma pessoa tranquila e feliz, tenho apenas satisfação quando olho para minha pessoa, e vejo que ainda estou aprendendo coisas. Isso é muito bom.

Muitas coisas na minha vida melhorou, depois que a idade chegou. Quando era jovem às vezes ficava 'queimado' por coisas inúteis. Hoje sei dosar meus sentimentos, sinto que sou muito mais estável que antes. A vida me ensinou muita coisa. Dou graças a ela. (satisfação na fala)

Conheci o SESC, através da Maria Helena que já freqüentava, e para mim foi uma coisa muito boa, pois aqui conheci muita gente, fiz muitas amizades. Tenho neste ambiente coisas que já nos foram privadas em família. Como o diálogo, o companheirismo, momentos de alegria, distração. Aqui a gente envolve com o jogo, não percebe nem o tempo passar.

O que posso dizer é que me sinto muito bem neste ambiente, e que sou na verdade uma pessoa feliz.”

ROSINA SANCHEZ MARTINS

Residente à Rua Estados Unidos nº 64 Bairro Martins Uberlândia MG. Nascida em 15/02/1930.

“Sou a segunda filha de uma família de seis irmãos. Nasci em Araxá, em 15 de fevereiro de 1930. Ali no Lago de São Sebastião eu passei a minha infância, momentos que foram muitos felizes. Meus primeiros estudos foram no grupo escolar Delfim Moreira, onde tive a felicidade de ter como minha professora a minha madrinha Luiza de Oliveira Faria.

Quando já cursava o ginásio, com treze anos de idade, perdi meu pai. Ganhei uma bolsa de estudos no colégio Dominicano lá mesmo em Araxá e lá ficamos até quando fiz a

sétima série. Mudamos então para Uberlândia. No ano de 1952 eu me casei. Só então, tive a oportunidade de terminar o segundo grau, e me formei fazendo o magistério; tudo isso depois que havia criado os meus filhos.

No ano de 1965, comecei a trabalhar como cantineira na Escola Estadual Ângelo Teixeira. Trabalhei até 1972. Nesta mesma escola eu continuei meus estudos e fui nomeada inspetora de alunos. Quando deixei este cargo, fui trabalhar como bibliotecária, no qual fiquei cinco anos. Desta forma, trocando várias vezes de profissão, me aposentei em 1991.

Tenho três filhos. Durante a primeira fase do meu casamento foi tudo muito bom, meu marido era um pai responsável e maravilhoso com a família. Quando completou vinte e dois anos de casamento, as coisas mudaram muito. Ele começou a interessar por outro modo de vida e assim minha vida tornou-se muito difícil. Ele nos deixou. Sozinha tive que batalhar para que meus filhos tivessem estudo. Isso foi ao longo de dez anos. No dia da formatura da nossa filha caçula, Ana Maria, eu quase morri de tanta satisfação, foi sem dúvida o dia mais feliz de toda minha vida. Ali, não era só ela, era eu quem conseguia naquele momento ali a realizar um grande sonho: o de ver todos os meus filhos formados. (emoção ao falar)

Hoje me lembro com muita satisfação, pois foram momentos tristes, onde trabalhávamos e mal dava para comprar o material escolar e pagar as mensalidades. Agora olho os três filhos e dou graças a Deus, cada um tem uma bela profissão. Meu filho é advogado, Ana Maria é hoje dentista, e a caçula é engenheira, trabalha para o Banco do Brasil e é professora na escola ESEBA. (expressa ar de muito orgulho ao citar o que os filhos são hoje)

Este meu marido, ficou fora de casa durante dez anos, e resolveu então voltar, nós recebemos ele de braços abertos. Ainda conviveu conosco por mais doze anos, dos quais cinco anos ele ficou doente. No ano passado, 1997, em 26 de abril ele faleceu. Foi um final

muito sofrido, ele sofreu esclerose múltipla, ficou paralisado, depois veio a cegueira. Para mim, foi a época mais sofrida de minha vida, pois apesar dos acontecimentos, ele foi o pai, o esposo e muito companheiro, e eu ter que ver durante longos quatro anos ele se definhar, até perder a capacidade de respirar, isso foi sem dúvida muito doloroso. Eu falo do meu sofrimento, não é para mostrar o quanto fui grande, não é nada disso, eu conto isso para que as pessoas fiquem sabendo o quanto a gente é pequeno neste mundo. É Deus quem nos dá força e coragem, ele nos dá força para qualquer batalha a ser vencida. Se perdermos a fé não somos dignos de viver, pois a fé manifesta caridade, a pessoa fica mais dócil e aprende a aceitar a própria vida.

Aqui no SESC, estou há sete anos. Mesmo durante toda a doença dele, eu continuava as atividades que pratico aqui, pois fazia parte do teatro que fizemos para as crianças, da dança da catira, o canto entre outras coisas.

Procurei o SESC, depois que aposentei, pois comecei a ficar ociosa, antes eu trabalhava era com muitas crianças, aposentei e comecei a sentir a problemática de não ter o que fazer. Eu tenho uma amiga que foi uma das pioneiras deste trabalho que é desenvolvido aqui, Maria Fonseca, então ela me convidou para vir conhecer. Quando cheguei, gostei muito do ambiente, lugar muito agradável, o pessoal é muito educado. Então tomei logo as providências e fiz a minha carteirinha para poder frequentar. Logo de início houve uma viagem, e eu fui, adorei, me senti tão bem no grupo, tão integrada, fui pegando as aptidões, e hoje tenho neste ambiente do SESC, uma extensão da minha vida de trabalho. Aqui, não é para mim um local de diversão, é um clube de serviço de alta qualidade. Inclusive há colegas aqui que reclamam do regulamento rígido. Eu não acho rígido, eu acredito que qualquer grupo que se dedica a uma sociedade, ele deve apresentar um nível social bom, pois tudo há um limite, e aqui existem os limites para você poder fazer parte, e isso para mim é algo

correto e bom. Pois conheço outros grupos de trabalhos onde são liberais demais e o trabalho não é de qualidade como o nosso. Um dos exemplos que posso dar é sobre a frequência exigida aqui. Eu não devo vir só o dia que me der vontade, eu faço parte do todo, portanto devo participar sempre. E isso faz com que exista uma coerência em todas as atividades que são iniciadas. E mais, acredito que nós devemos ter um certo compromisso, um pouco de decência e também moral.

Fora o compromisso, é muito mais útil para a minha pessoa, ao invés de ficar em casa na ociosidade. Venho para cá, faço amigos, me distraio. Aqui muitas das coisas que precisamos resolver, eles nos explicam como fazer e a gente vai atrás. É como se fosse o empurrãozinho que precisamos para continuar a nossa labuta. Além do que, cada dia neste ambiente eu aprendo um coisinha a mais, pois o viver da gente é um viver constante e o aprender é infinito.

Penso que todos nós, enquanto seres humanos que somos, temos solidão. Para mim, é algo que convive com a gente. Muitas das vezes até no meio desta quantidade de pessoas aqui, ainda assim estamos solitários. Mas acredito com lucidez, com pernas boas para andar, com a boca para abrir um sorriso, com um olho bonito para enxergar as coisas, não podemos nos entregar à solidão. Podemos sim aproveitar os momentos de solidão e refletir sobre a nossa vida, mas não pensando em problemas sem solução, como pensar na velhice, na saúde. Eu não me lembro de nunca ter parado para preocupar com a idade que tenho. Muitas pessoas falam sobre marginalização do idoso, eu não vejo as coisas assim, eu penso que é por parte da própria pessoa tomar as atitudes para não se sentir marginalizado pelos outros, ele mesmo contorna isso, é o caso de não se excluir dos ambientes, de não deixar de participar das coisas, de procurar conversar com as pessoas.

Existem pessoas velhas que ainda estão preocupados com dinheiro, com fortuna, com saúde. Certo eu também procuro gostar de mim, se sinto que algo não está bem procuro o médico. Mas não invoco com os problemas que possam surgir, isso não. Aproveito minha vida da melhor forma possível, pois não tenho certeza nem do que possa acontecer daqui a dois minutos. A única certeza é a de que todos viemos aqui e todos iremos embora um dia. Por isso, acho que se plantarmos algo de bom hoje, podemos colher coisas melhores amanhã. Isso para mim é uma certeza.

Eu digo aos meus filhos para não se preocuparem comigo, claro não me abandonem pois faço questão da visita, mas quero a minha privacidade enquanto força eu tiver. Sou aposentada, tenho duas casas de aluguel, então financeiramente, eu me garanto.”

(Dona Rosina, transmitiu-nos durante toda a sua fala, segurança e uma grande expressão de serenidade)

SR. SIMONIDES ALVES DE FREITAS

Residente à Av. Feliciano de Moraes nº 387 Bairro Aparecida. Uberlândia. MG. Nascido em 08/10/1922.

“Nasci em vinte e oito de outubro do ano de 1922, no município de Catiara, MG, na fazenda Jardeu. Nasci da seguinte forma: minha mãe era viúva e meu pai era turco, conhecido como mascate, pois andava com um burro e várias bugangas para vender. Entre eles, houve um romance, minha mãe engravidou. Ela não queria aceitar aquilo, então disse à minha irmã mais velha, nessa época já então casada, que se fosse um menino ela lhe daria par criar. E assim foi, minha mãe biológica cuidou de mim até um ano e quatro meses então

fui entregue `a minha irmã que, por sinal, era também minha madrinha. Nunca me esconderam o fato de ser filho adotivo. Meu pai biológico nem conheci. O pai adotivo foi um pai maravilhoso comigo, deu-me o amor que precisei para ser alguém. Ele era um homem especial e muito trabalhador. (Pausa... Olhar distante como o de quem quer visualizar o passado)

Vivemos nesta fazenda até eu completar cinco anos de idade, então mudamos para Patrocínio. Moramos nesta cidade, cerca de quatro anos. Me lembro que estudei um ano, mudamos para uma outra fazenda, perto do Cruzeiro. Moramos oito anos aí. Durante este tempo, trabalhei muito, desde os oito anos, levantava era cedo, e trabalhava até o anoitecer. Fazia de tudo que existe de serviços numa fazenda. Apreendi demais com meu pai. Dos nove aos quatorze anos, acredito que foi os anos mais felizes de minha vida; trabalhava muito, porém divertíamos muito também.

Me casei dos dezesseis para os dezessete anos, separei minha casa, mas com muito medo, pois era muito moço. Minha esposa era uma moça de uma família muito pobre, porém muito boa. Eu dei conta do recado, pois sabia fazer de tudo. Ficamos morando uns tempos na fazenda, mas resolvemos ir morar na cidade de Patrocínio, tentar fazer a nossa vida.

Começamos a adquirir família; tivemos seis filhos, todos graças a Deus saudáveis e estão hoje em dia encaminhados na vida, com exceção de um deles que se entregou à bebida.

Moramos então vários anos nesta cidade. Foi aí que um vizinho de muitos anos, suspeitou da minha pessoa com a sua senhora. O boato surgiu de um favor que fiz, para eles: como era caminhoneiro, lhes dei uma carona até Belo Horizonte, e não cobrei nada. Isso foi a pior coisa que poderia me acontecer, pois me senti muitíssimo mal. Como não devia nada, procurei este amigo e busquei esclarecer a situação. Ele me disse que lá de casa ia de tudo para a casa dele. Era verdade, mas isso era um problema entre as nossas esposas, eu não

interferia em nada. (fala e expressa com vontade de alguém que realmente quer mostrar que foi inocente na história acontecida)

Procurei então não dar ouvidos àquela situação ridícula. Continuei minha vida. Um dia quando já nem me lembrava deste assunto, este camarada chegou em local de trabalho me procurando. Naquele dia estava muito calor, eu descarregava um caminhão e estava muito suado e agitado. Então ele se aproximou e me pegou de surpresa, me deu seis facadas, no momento não senti dor alguma, ainda peguei um revolver, mas meus companheiros me tomaram, eu ainda fui capaz de pegar o sujeito e quase o matei sufocado, foi por Deus que não consegui cometer tal erro.

Ele foi condenado, pois não tinha provas contra a minha pessoa, e ainda havia me pegado de surpresa. Depois de tudo ainda fui em Belo Horizonte, retirar a queixa, contra ele.

Enfim, toda essa tragédia ficou para trás, eu procuro nem me lembrar deste episódio.
(tom de voz com ar de revolta)

Depois de tudo, fiquei tão desgostoso que assim que recuperei minha saúde, vendi tudo que tinha naquele lugar e mudamos para perto de Coromandel .

Então fui mexer com garimpo, seis meses de trabalho e tirei uma pedra de diamante de setenta e três quilates. Com o dinheiro paguei todas as minhas contas e mudamos para Uberlândia, isso na década de quarenta.

Aqui montei um açougue em sociedade com um amigo, era muito movimentado. Mas meu sócio começou a me dar prejuízos, então vendemos tudo, minha parte investi em um caminhão e fui trabalhar como caminhoneiro.

Durante todos esses anos minha esposa me acompanhou, era uma pessoa maravilhosa, somente me apoiava em minhas decisões. No ano de 1957, fiquei sem a sua

companhia. A solidão me fez quietar, não quis mais mexer com caminhão, o vendi e montei um armazém no Bairro Tubalina.

Um certo dia eu sofri um desmaio, procurei um médico, fui afastado imediatamente do trabalho, pois estava com um sério problema de bloqueio no coração. O médico me deu um mês de vida. Não cismeiei com aquilo não, porém, vendi o armazém e paguei tudo que devia, deixei todas as coisas ajeitadas para qualquer eventualidade. A minha casa entreguei a minha filha mais velha, só pedi que ela não a vendesse.

O tempo foi passando, e o coração firme, mesmo com o problema. Durante esta minha vida tive nas mãos de médicos sendo operado cerca de seis vezes. Devido as facadas que levei, fui operado duas vezes, as outras cirurgias não gostaria de referir aqui. Entretanto, o que é engraçado é que do coração que me restava alguns dias de vida, não fui operado e estou aqui, graças a Deus.

Já faz dezesseis anos que faço parte deste grupo aqui do SESC. Uma amiga de minha filha foi quem insistiu para que eu viesse conhecer. Me disse que eu não devia viver quieto daquele jeito que estava. Então resolvi visitar. Cheguei aqui muito “vendido”⁹, pois antes eu não tinha tempo para este tipo de atividade. Minha filha me apoiou muito para que eu continuasse a freqüentar, com isso eu continuei a vir.

Um dia aqui mesmo no SESC, uma senhora do grupo me abordou e me perguntou se eu tinha alguém, eu respondi que não, e também lhe perguntei o mesmo, ela me disse que era só. Nosso papo continuou e começamos a namorar. Resolvemos morar juntos, ela disse que se eu quisesse montar uma casa, estava certo, mas se quisesse morar na casa dela também poderia ser. Eu aceitei, moramos juntos na casa dela já há onze anos. Vicença é o nome dela, é uma pessoa maravilhosa, me trata muito bem e eu também faço o que posso por ela. Nós vivemos muito bem, mais do que se fôssemos casados no papel.

Financeiramente, ela tem a aposentadoria dela, e eu a minha. De maneira que não deixo ela fazer as despesas sozinha. Ajudo ela em tudo o que posso, até as atividades domésticas nós dividimos.

Este ambiente aqui do SESC, para mim é o seguinte: se juntarmos tudo que temos de atividades aqui, não paga o valor grandioso destas horas de reunião e amizade, porque é um lugar de muito respeito, não tem bebidas, a direção e coordenação são muito boas. Enfim, é um local de pessoas essenciais. Fiz amizade com todas as pessoas aqui dentro, gosto demais deste pessoal.

Freqüento as aulas de dança gaúcha, catira, bastão, ainda jogo vôlei. Participo quase de tudo, minha patroa atualmente não dança, pois sofreu um problema sério na perna, só que não se incomoda de vir comigo e eu gostar de dançar.

Como já lhe disse antes, tenho um filho que se entregou à bebida e isto me faz sofrer muito. Porém, hoje depois de tudo o que lutei para vê-los criados, filhos que não deixei faltar nada a eles e que não tiveram a necessidade de trabalhar para se sustentarem enquanto novos; acredito agora que devo pensar mais em minha pessoa do que neles.

Minha vida é de longa história, de modo que muita coisa passou mas a gente não se lembra. Sei que já fiz de tudo nessa vida, trabalhei em olaria, cerâmica, açougueiro, fui caminhoneiro durante quarenta e dois anos, enfim de tudo sei um pouquinho. Estou hoje com setenta e seis anos e não tenho medo de enfrentar a vida, se precisar não tenho dificuldades para viver, pois tenho muita coragem, e com certeza ainda capacidade para pegar no batente. (expressão de orgulho)

Nunca parei para pensar quanto tempo me resta de vida. Tive tantos apuros e estou vivo aqui, no dia que Deus quiser me levar, leva mesmo. O que devo fazer é aproveitar o tempo que ainda tenho, com muita alegria e disposição. Sinto apenas saudades de meus

⁹ A palavra “vendido” está usada no sentido de expressar deslocado, perdido.

familiares, pois éramos dez irmão, meus pais biológicos, meus pais adotivos e todos os meus irmãos, já se foram, restou apenas eu.

Outro dia conversava com minha esposa e dizia `a ela que devemos diminuir nossos gastos, pois se caso for necessário qualquer coisa, não precisaremos depender de nossos filhos. Quando morrer não quero sacrificar meus filhos.

Carregarei comigo este orgulho: o fato de desde muito moço adquirir minha independência financeira, e conseguir me manter assim até os dias de hoje.”

D. ANTÔNIA LOPES ARDUINE

Residente à Rua João Catanduva nº 940 Bairro Santa Mônica. Uberlândia MG. Esposa do Sr. Mário Arduine, também nosso entrevistado.

“Nasci em vinte e três de setembro de 1923, em Nova Serrana, antigo Arraial do Cercado, no município de Belo Horizonte, na fazenda Floresta.

Sou de uma família muito grande, meus pais tiveram treze filhos, eu sou a mais velha. São sete mulheres e seis homens. Três meninos morreram novinhos, e depois de adultos também morreram mais dois dos homens.

Eu já nasci doente, e doente estou até hoje, tenho angina, sofri trombose no músculo do coração, tenho bloqueio, chagas. Enfim, são problemas sérios, porém a únicas cirurgias que me submeti foi aos trinta e cinco anos quando sofri uma apendicite aguda. Devido os problemas do coração fiz o cateterismo, há seis anos atrás. Os médicos me dizem que ainda devo fazer outra operação para desbloquear de vez a artéria do coração porém hoje não

tenho mais coragem, a minha idade já está avançada para resistir a cirurgias. Vou levando minha vida e acreditando muito em Deus, farei o que ele for preparando para mim. (As palavras não condizem com a expressão que é de tristeza no olhar)

Quando tinha meus oito anos, nós nos mudamos para a cidade de Conquista onde moramos apenas três meses e novamente nos mudamos para a uma fazenda próxima chamada São Gabriel.

Fomos filhos muitos judiados, falo isso porque a gente observa as crianças de hoje em dia, como têm direito de serem crianças, de brincar de estudar.

Nas minhas lembranças de infância, não trago muitas coisas não, o que me ficou marcado foi o fato de desde os oito anos de idade eu já ir trabalhar na lavoura.

A alegria maior que tive durante a época que morei com meus pais, foi quando fiz a primeira comunhão. Para mim foi um dia especial, me lembro até dos detalhes do meus vestido, de como a igreja estava enfeitada. Naquele dia só existia eu. (Seu olhar brilha ao falar, demonstrando a alegria que viveu naquele momento)

Não tive sequer chance de poder estudar. Sonhava com isso, mas devido a necessidade, não só a isso, mas os pais eram intolerantes com os filhos, principalmente as filhas, essas não deveriam largar a barra da saia da mãe nem para ir `a escola.

Desta maneira, não trago nada em especial desta fase da vida, ali nesta fazenda me tornei moça, e o único futuro mesmo era o casamento. (um tom de voz com ar de descaso)

Fiquei conhecendo o Mário, ele tinha quatorze anos e eu treze e devido a idade, mais uma vez o meu pai interferiu e não nos deixou casar. Namoramos anos até isso poder acontecer, pois neste período os meus problemas de saúde agravaram e todos pensavam que se eu casasse e viesse a ter um filho, morreria sem dúvida.

Enfim quando casei e comecei a criar família, tive realmente momentos alegres, mas também muitas tristezas. Primeiro, porque sempre estava com algum tipo de dor devido à saúde, depois o devido a vida sofrida que tínhamos, pois a nossa vida financeira era ruim, ainda devido a alguns problemas de relacionamento com o Mário, pois ele já me aprontou algumas, mas continuamos a viver juntos, e a pior das dificuldades foram as perdas que sofremos: um dos cinco filhos que tivemos veio a falecer com vinte e três dias de nascido. Um outro momento de muitíssimo sofrimento veio acontecer há dezenove anos atrás, quando minha filha mais velha faleceu com um problema de saúde. Deixou dois filhos com o marido, mas ele não tinha cabeça para cuidar das crianças, e assim nós os buscamos para viverem conosco.

Faz quarenta anos que estamos morando aqui em Uberlândia. Foi preciso mudarmos para cá devido a meus tratamentos; lá onde morávamos era muito difícil e não existia os recursos que a medicina aqui possui. O primeiro local que morei foi ali na Rua Prata, depois mudei para a Rua Itumbiara. Quando surgiu um dos primeiros loteamentos do Bairro Santa Mônica, conseguimos comprar um terreno lá, construímos um barracãozinho e para lá mudamos, e estamos até hoje.

Eu, apesar de estar casada, possuir minha família, vivia numa grande solidão. Aí, então, fui convidada por uma amiga a vir conhecer o SESC e para mim foi muito importante. Vim, depois trouxe o meu marido, e já se foram dezesseis anos que participamos deste ambiente.

Aqui dentro fizemos muita amizade, temos muita gente boa e amiga neste local. Perdemos também muitas colegas desde que entramos para o grupo, uns que já morreram outros porque saíram.

Aqui somos respeitados, entendidos. Temos uma variedade de atividades, basta a gente escolher o que gosta de fazer e participar. Eu pessoalmente gosto muito da quadrilha, da dança do bastão.

É muito interessante, pois como sempre estou com algum problema de saúde, ou mesmo com dor, e às vezes eu não quero vir; aí então minha filha me diz para tomar um remédio e vir assim mesmo; quando chego aqui, não me lembro mais das dores, é como se este local me fizesse esquecer os meus problemas e até mesmo a minha idade.

Quando comecei a freqüentar o SESC eu pesava apenas trinta e seis quilos, eu era mesmo muito fraquinha devido às doenças. Hoje estou com cinqüenta quilos, considero um peso muito bom, com certeza a minha saúde é muito melhor atualmente.

O SESC é a minha vida, aqui eu existo, o dia que isso aqui parar eu não sei o que vou fazer, pois gosto demais deste local. As amigas que fiz estão todas aqui. Já fui eleita uma vez aqui como a Mãe do Ano.

Outro dia meu neto me perguntou: “Vovó, o espírito da gente envelhece?” Então lhe respondi que: dizem que estou velha, porque para todos, estar com setenta e cinco anos de idade é muito, mas o meu espírito, e em meu pensamento, não há velhice, ainda é como se fosse moçinha. Gosto de tudo ainda: trabalhar, passear, dançar, conversar. Em minha casa sou eu que cuido de tudo, e nos finais de semana sempre recebo a família toda para o almoço. E nestes dias que todos vão para minha casa, trabalho muito e me sinto muito bem e muito feliz, até tomo meu golinho de vinho. (alegria na fala)

Eu vivo o hoje. Para amanhã, não faço planos nenhum.

Não me preocupo também com minha saúde, nunca digo que estou doente, apesar de tomar todos os dias cinco qualidades de remédio, se conto isso é para pouquíssimas pessoas.

Cada dia que amanhece eu elevo meu pensamento a Deus e lhe agradeço por mais um dia de vida e de luta."

SR MÁRIO ARDUINI

Esposo de Dona Antônia, residentes à Rua João Catanduva nº 940 Bairro Santa Mônica.

Uberlândia MG. Nascido em 12/04/1921.

"Nasci em doze de abril de 1921, no município de conquista MG. Meu pai se chamava Natal Arduine e minha mãe, Rosa Gardinal, eles eram descendentes de italianos. Éramos dez irmãos. Quatro destes, faleceram. Fomos todos criados na roça, trabalhando muito. Sempre fomos muito pobres.

Com os meus quatorze anos de idade comecei a namorar. E o namoro foi durando, mas como éramos os dois muito jovens, nossos pais não quiseram que casássemos. Com isso o tempo foi passando, mas nós dois continuamos juntos. Com oito anos de namoro; no dia onze de Setembro de 1943 nós nos casamos. Tenho uma excelente esposa e companheira, jamais arrependi de me casar, pois sempre achei que o meu casamento foi uma das coisas boas que tive na vida.

Tivemos cinco filhos. Um morreu ainda bebê. A mais velha também morreu com seus trinta e cinco anos. Essa foi sem dúvida a maior das dores que sofri durante toda esta minha vida. Esta minha filha que se foi, deixou-nos um casal de netos, que, criados como se fossem nossos filhos, já estão adultos. Há dias em que fico muito triste, pois esta filha me visitava diariamente, quando isso não foi mais possível, senti demais e até hoje depois de tantos anos

a dor ainda não se foi. (lágrimas e um momento de pausa). Os três filhos já me deram onze netos e oito bisnetos.

Eu procuro viver bem, faço o máximo que posso para ter uma vida tranqüila com minha esposa. Ela também me trata muito bem. Ajudo ela nas obrigações de casa.

A minha vida foi sem dúvida uma vida muito dura, difícil, mas hoje não reclamo de nada, tenho tranqüilidade, não tenho muito dinheiro, mas nós dois estamos aposentados, de maneira que não temos luxo, mas também não passamos grandes necessidades.

Trabalhei vinte e um anos ali na Praça Tubal Vilela, no restaurante Garibaldi, depois passei a trabalhar no Hotel Presidente, até me aposentar.

A gente passa por momentos de dificuldade nesta vida, mas também existem momentos de grande felicidade. Um desses momentos vivi ainda há pouco quando completamos bodas de ouro, os amigos aqui do SESC foram todos nos homenagear, ganhamos muitíssimos presentes, foi maravilhoso.

Já irão fazer dezoito anos que eu e minha esposa fazemos parte deste grupo aqui do SESC. Foi uma amiga de minha esposa quem convidou-a a conhecer o grupo, aí então ela veio duas vezes, depois insistiu para que eu viesse também, e assim foi. Vim, gostei tanto que estou aqui até hoje.

Em casa, a vida de idoso já há muito havia virado uma rotina. Quase já não tínhamos assuntos para conversar um com o outro, pois ficávamos o tempo todo juntos. Fora as vezes que em casa mesmo estamos chateados com coisas da vida. Assim as reuniões do SESC vieram ao encontro de muitos anseios nossos. Ampliou as nossas amizades, os assuntos dentro de casa, as nossas atividades. Enfim, de forma geral, veio a modificar muita coisa em nossas vidas; e é claro, para melhor.

Hoje em dia temos muita amizade aqui dentro. Todos são meus irmãos. Este trabalho aqui é bom demais. Gosto muito de como a supervisora trabalha conosco; a Darcy¹⁰ ela é muito boa, aconselha a gente, busca sempre atividades que possa estar mexendo com nossos problemas, coisas que nos ajudem. Este local é para a gente, um ambiente de distração.

Fui participante de alguns tipos de dança como a do balaio, carnaval, das festas juninas. Este ano minha esposa não está muito bem de saúde, então deixamos as danças quase todas de lado.

Aqui temos participado de muitíssimos eventos. Me lembro bem o primeiro ano que participamos do carnaval. Disse `a minha mulher: “nós vamos observando o que os outros fazem para fazermos igual”. E assim correu tudo muito bem, foi um desfile e tanto para a gente.

Temos aqui a oportunidade de conhecer outros ambientes, de passear em lugares diversos e até mesmo de viajar para outros locais, que é o caso das excursões. Acho tudo aqui bastante proveitoso, e me sinto muitíssimo bem sendo integrante deste grupo.

Atualmente, não espero muita coisa da vida, vou vivendo de acordo com o que Deus me oferece, mas estou feliz comigo e com o mundo.

Coisa que não faço é deixar a fraqueza tomar conta de mim, venho aqui para o meus encontros com a turma, e há dias que não perco nenhum toque de dança. Dificilmente faltamos às reuniões.

Acho que a vida sempre será vida, não levo nada para o lado da solidão, sempre penso em continuação. Devo olhar sempre para frente, agradecendo a Deus, pela noite que tive e pelo dia que amanhece.”

¹⁰ Darcy Pereira G. da Silva- Coordenadora do Grupo dos Mais Vividos. Atua com o grupo há mais de 14 anos.

4

Envelhecer com dignidade

“É Deus quem nos dá força e coragem para qualquer batalha a ser vencida. Se perdermos a fé não somos dignos de viver, pois a fé manifesta caridade, a pessoa fica mais dócil e aprende a aceitar a própria vida.”

D. Rosina Sanchez Martins

Simone de Beauvoir escreveu que o envelhecimento e a velhice aparecem com maior clareza aos olhos dos outros do que aos nossos próprios olhos. Segundo estudos da geriatria, é por volta dos 25 anos que o indivíduo inicia o seu processo de envelhecimento. Para a maioria das pessoas que já ultrapassaram essa idade, dizer aos outros quantos anos possui é algo bem desagradável. No caso de ser uma mulher, diz-se até que é falta de respeito perguntar-lhe a idade.

Qual é o sentido da omissão da própria idade?

Sonia de Amorim, em *O que é velhice?* escreve: “Perceber de repente o próprio envelhecimento, tomar conhecimento de que o tempo também urdiu e teceu suas tramas em nosso corpo, pode ser uma experiência marcante. Inúmeras vezes podemos sentir a vaga sensação de não termos idade alguma, de estarmos situados numa espécie de limbo, do qual somos içados meio abruptamente pela mão do outro”.¹¹

Pensar na própria idade ou observar o próprio envelhecimento é, sem dúvida, doloroso, pois significa também admitir a idéia de que a morte já não é algo tão distante de nós.

¹¹ MASCARO, Sônia de Amorim. *O que é Velhice*. Sonia de Amorim Mascaro- São Paulo. Brasiliense. 1997. (col. Primeiros Passos)

“Os corpos se desgastam com o uso, e mesmo a melhor das velhices um dia chega a seu fim”¹². O autor destas palavras diz que o melhor que temos a fazer é não pensar e nem ficar falando sobre a morte, pois assim, certamente, podemos viver sem medo de morrer e, em consequência, uma vida melhor.

Dona Rosina Sanchez nos dá um exemplo ao falar de como enfrenta as questões da idade: *“procuro gostar de mim, se sinto que algo não está bem procuro o médico. Mas não invoco com os problemas que possam surgir, isso não. Aproveito minha vida da melhor forma possível. A única certeza é a de que viemos aqui e todos iremos embora um dia.”*

A seguir, analisaremos os temas abordados com maior frequência pelos nossos entrevistados em seus depoimentos.

A INFÂNCIA

Quase todos os entrevistados, ao falarem sobre suas vidas, ressaltaram a infância sofrida, lembrando, com certa amargura na voz, que, devido ao excesso de trabalho e a falta de oportunidade, não tiveram como estudar.

Os relatos retratam infâncias vividas na zona rural, marcadas por uma vida rústica, e com ingresso precoce no trabalho e sempre executando os mesmos e penosos serviços que as pessoas adultas.

“Fomos filhos muito judiados... Nas minhas lembranças de infância não trago muitas coisas não, o que me ficou marcado, foi o fato de desde os oito anos de idade eu já ir trabalhar na lavoura. As crianças de hoje em dia têm o direito de serem crianças, de brincar de estudar.” (D. Antônia)

¹² SKINNER, Burrhus Frederic. *Viva Bem a Velhice aprendendo a programar sua vida*. São Paulo, Samus. 1985.

“Trabalhei muito desde os oito anos, levantava era cedo e trabalhava até o anoitecer.” (Sr. Simonides)

“A vida na fazenda era muito difícil, trabalhávamos em serviços pesados, papai era muito nervoso e muito bruto e rígido com a gente. (D. Ordemira)

“Quando paro para pensar, lembro-me quase sempre só de serviço, pois desde os doze anos de idade que minha vida foi dedicada ao trabalho.” (D. Isaura)

Eles retratam, ainda, um período de suas vidas em que eles, assim como a maioria da população de nosso país, viviam na zona rural e, também, a rapidez do desenvolvimento dos centros urbanos, com a conseqüente migração de suas famílias. Esses fatos por estar presente na maioria dos relatos, nos fazem crer que a busca pela cidade foi uma tentativa simples de melhor viver.

A ADOLESCÊNCIA

A adolescência é algo bem “passageiro” na vida destes idosos. Nos deixa a impressão de uma grande necessidade de transpor logo essa etapa da vida, com raras nuances de satisfação. D. Ordemira ri do fato de conseguir namorar às escondidas do pai, o Sr. Simonides por sua vez, diz que, apesar de todo trabalho, conseguia divertir-se muito.

Questionar sobre a juventude vivida por estas pessoas é, sem dúvida, adentrar nos problemas e mudanças que a família nuclear tem se defrontado na atualidade. Mudanças estas, em especial, com a própria juventude em seu estilo de vida como hábitos, atitudes, e vestes

por exemplo. Assim, se tentarmos comparar com a época da juventude do Sr. Simonides, D. Isaura e os outros, certamente iremos nos defrontar com uma infinidade de diferenças.

Nesse sentido, podemos perceber que hoje a juventude tem uma maior facilidade de “escolher e traçar suas vidas”, buscando as opções que melhor lhe convém.

Em falas rápidas, surgem sentimentos de angústias, como da Dona Ordemira, que nos diz que não podia sequer passear quando era moça, ou do Sr. Ataídes que reclama o fato de ter sido um rapaz que quase não saía de casa. Já Dona Rosina, ao contrário dos outros, nos relata sua vida com um ar de imensa satisfação, por ter conseguido vencer as batalhas que a vida lhe proporcionou. Entretanto, em seu relato, há um vazio de fala no período da juventude, como se não existisse esta passagem em sua vida, ou como se ela não quisesse lembrar.

Tudo isso leva-nos a acreditar que a juventude destas pessoas foi repleta de momentos difíceis, cercada de uma forte imposição por parte dos pais, e uma constante luta pela sobrevivência.

OS LAÇOS FAMILIARES

Ecléa Bosi fala sobre a força da coesão familiar e, segundo ela, não existe outro espaço social onde o indivíduo seja tão valorizado em suas diferenças de pessoa a pessoa. O vínculo que ata o indivíduo à sua família é irreversível, pois ele será sempre filho dos mesmos pais e irmãos dos mesmos irmãos.

Notamos nos relatos, que ao se falar em família ou em seus antepassados, os entrevistados referiram-se a ela com ar de saudade, de pessoas que foram importantes em suas vidas, mesmo para os idosos que reclamaram sobre a rigidez com que seus pais os tratavam e a infância de muito trabalho. Ainda assim, suas fisionomias “conseguiram transmitir doces lembranças.”

Sobre a família, após seus casamentos, todos os entrevistados nos contaram boa parte de suas histórias. E sempre que prestamos atenção a outros, em seus assuntos, percebemos que o ser humano possui uma tendência muito forte a deixar-se marcar pelos acontecimentos ruins em sua vida, de uma maneira mais evidente que as coisas boas. É como se em nossa vida existisse bem mais dor do que amor, mais guerra do que paz, mais angústia do que alegria, e assim passamos a relatar a nossa trajetória nos firmando em fatos aos quais nos marcaram com o sofrimento. A fala de D.Ordemira é marcada pela separação de suas filhas. A do Sr. Ataídes pela doença. D.Isaura enfatiza a luta para criar os três filhos sozinha e o Sr. João Luiz, a esposa que não foi honesta com ele. D. Rosina os problemas com o marido. Sr. Simonides a acusação do amigo de traição, D.Antônia os vários problemas com a saúde e Sr. Mário até hoje não superou a dor pela perda da filha.

Os momentos de alegria são citados de maneira rápida e alguns nem citaram, o que nos chama a atenção é o fato de ainda permanecer nestas pessoas um grande ânimo, uma força que os faz parecer capazes de suportar tudo o que passaram uma outra vez.

Outro aspecto também interessante é a respeito da religiosidade. A idade faz com que a pessoa pense sobre o seu tempo de vida e ainda sobre o que virá depois da morte. Assim, não só os nossos entrevistados, mas qualquer um dos integrantes do grupo que tivemos a oportunidade de conversar e que questionaram um pouco sobre suas vidas, nos pareceram muitíssimos firmes em suas crenças religiosas, e todos se referiram ao passado que tiveram

com orgulho e a Deus com muita gratidão pelo dia vivido e pelo tempo de vida que ainda resta viver.

O SESC EM SUAS VIDAS

Roberto da Matta em seu livro *A casa e a rua* faz uma análise sobre a questão do espaço da casa e da rua. Segundo ele, a casa é o espaço marcado pela familiaridade, pelo “amor” pelo “carinho” e “consideração”, já a rua é o local que nos priva de todos esses itens. Entretanto, uma não existe sem a outra o que ocorre entre estes dois espaços é uma dinâmica. Segundo DaMatta, a casa e a rua estão sempre em uma disputa em busca da hegemonia, mas que nunca a ela se chega. Ora, podemos entender tais disputas que são os momentos em que a casa se abre para a rua, como festas de casamentos, batizados ou velórios. A rua também se volta para a casa nos momentos por exemplo de festas populares. E neste enlace é possível compreender a dinâmica dos espaços.

Quando o indivíduo sente-se privado do “carinho” do “amor” que antes existia no espaço de sua casa, então sente a necessidade de buscar ambientes que lhe ofereçam tais afetos. Desta maneira surgem locais como o que analisamos, O SESC. Aqui para nós, são os locais a que denominamos espaços sociais, compreendemos o SESC como um destes ambientes.

No caso do SESC, fica claro que ele caminha na busca de algo que tem agradado e dado certo na vida da comunidade comerciária Uberlandense; em especial na vida dos idosos pois a diversidade de atividades oferecidas a eles, torna-os participantes com capacidade de serem pessoas ainda integradas na sociedade.

A partir da década de 80, proliferaram os programas para Terceira Idade. Estes programas têm buscado amenizar os problemas da velhice, integrando o idoso na sociedade.

Entretanto, se de um lado a sociedade começa a se mobilizar em busca de soluções para uma melhoria na qualidade de vida do idoso, de outro lado percebemos que a população idosa aumenta significativamente. Assim, os programas destinados à terceira idade deveriam partir de propostas governamentais, deixando para o restante da sociedade apenas a ajuda a tais programas.

No programa do Fantástico do dia 10/01/99, o jornalista William Boner, iniciou uma reportagem sobre um assassinato de uma idosa alemã que vivia no Brasil, dizendo que o ano de 1999 foi escolhido como Ano Internacional do Idoso. No final da reportagem deixa um questionamento: *“No ano que escolhemos e dedicamos aos idosos, o que a sociedade poderá oferecer a eles?”*

Muitas teorias afirmam que a pessoa idosa deve continuar a manter uma vida ativa para uma maior satisfação na velhice. Com a idade avançando, esta vida ativa se torna difícil, pois os papéis exercidos anteriormente vão sendo tirados de maneira quase imperceptível, e assim torna-se necessário à pessoa idosa uma troca de funções, buscando fazer aquelas atividades as quais o corpo consiga adaptar-se.

Os poucos depoimentos que colhemos nos dá prova do desempenho do trabalho do SESC e da importância daquele espaço para aquelas pessoas. Ali funciona, como dito por alguns dos idosos, como uma extensão de suas próprias casas e até mesmo do trabalho a que tiveram que deixar. Garante aos idosos, o que em suas casas muitos deles já perderam, que é o diálogo, a atenção e a distração. Envolvidos nas atividades, eles são capazes de exercerem sua individualidade, de definir as coisas que gostam e serem atendidos em suas escolhas. Desta maneira, sentem-se indivíduos respeitados e, muitas vezes, tornam-se hábeis em resolver seus próprios problemas sem a ajuda dos outros.

B.F. Skinner¹³, afirma que as pessoas idosas sofrem quando não podem rejeitar a ajuda oferecida pelos mais novos, e diz ainda que, muitas vezes, a morte dos idosos é acelerada pela ajuda não necessária, na medida em que o idoso é retirado de vez de todas as suas funções, o corpo tende a perder suas habilidades, o que resulta em problemas físicos para o indivíduo. Pior é que, na maioria das vezes, tal ajuda não é oferecida por compaixão, mas sim pelo fato de que fazer as atividades diárias para o idoso é bem mais rápido e barato do que deixá-lo fazer por si mesmo.

Com certeza, tornar-se idoso requer auxílio das outras pessoas. Entretanto, isto não quer dizer que devemos deixar de fazer todas as atividades, como por exemplo, tomar um banho sozinho, tentar andar pelos corredores mesmo que caminhe mau, enfim a maioria dos idosos são capazes de exercer até mesmo obrigações domésticas. E isto, sem dúvida, não é ruim para a pessoa idosa, ao contrário faz exercitar-se e sentir-se útil.

Podemos verificar que todos idosos entrevistados melhoraram a sua saúde, após ingressarem no grupo. Alguns deles deixaram até mesmo de fazer uso dos remédios que tomavam diariamente. Entretanto, a maioria nos relata que a busca pelo ambiente do SESC não foi somente pela saúde; quase todos reclamaram da solidão, da necessidade de ter pessoas ao seu redor que os compreendessem. Até mesmo Dona Antônio e Sr. Mário, que casados há muito tempo e com filhos e netos já criados se sentiam sós em casa, sem ter muito o que conversar um com o outro e então buscaram o SESC, e lá já estão há 16 anos.

“O SESC é a minha vida, aqui eu existo, o dia que isso aqui parar eu não sei o que vou fazer, pois gosto demais deste local.” (D. Antônio)

¹³ SNINER, Burrhus Frederick, Obra já citada

O TEMPO

Vinicius de Moraes em uma crônica *A Arte de ser Velho*, escreve: “É curioso como, com o avançar dos anos e o aproximar da morte, *vão os homens fechando portas atrás de si, numa espécie de pudor de que o vejam enfrentando a velhice que se aproxima.*”¹⁴

É comum aos homens sentirem vergonha da velhice, uma vez que somos nós mesmos a reforçar esse sentimento contra o indivíduo que envelhece. Ainda estamos engatinhando no caminho de mudança em relação à velhice, em relação ao que o tempo proporciona ao nosso corpo. Entretanto, mesmo que o tempo transforme a nossa face, nos desfigure, o que vivenciamos e guardamos em nossa mente fica conosco como lembranças, isto o tempo não pode nos tomar.

Ver D. Rosina entrelaçada às suas bijuterias, as camisas com estampas variadas do Sr. Simonides, as cores fortes dos batons em meio ao salão. Tudo isso demonstra a grande força da vida. São momentos onde o tempo é um mero detalhe.

Ali todos têm o direito às coisas que a sociedade há muito já os privou, podem se dar ao luxo de usarem suas melhores vestes, abusar de sua vaidade entre perfumes, cremes tinturas especiais para o cabelo, cortes na moda, namorar, ou até mesmo o que a juventude atual diz: “ficar”, não importa, ali a vida se faz presente para pessoas que entre a sociedade já não são de grande interesse.

Naquele salão, a impressão que temos é de que aquelas pessoas não sentem cansaço. Seus movimentos em passos bem compassados com seus parceiros, seja casal ou até mesmo mulher com mulher, nos mostram que a música e a dança foi e ainda é parte de suas vidas, e

que aqueles passos mesmo que já não são firmes no lugar, ainda sabem bem onde pisarem; e assim rodam lentamente, mas constante, naquele imenso salão. Ali nos parece que são felizes.

¹⁴ MORAES, Vinicius. A arte de ser velho. In: *O melhor de Vinicius de Moraes. Companhia das letras, São Paulo, 1994.*

Considerações finais

*“Eu vivo o hoje, para amanhã não faço planos nenhum,
cada dia que amanhece eu elevo meu pensamento à Deus e
lhe agradeço por mais um dia de vida e de luta.”*

D. Antônia Lopes Arduine

Como dito por Vinicius de Moraes, não pretendemos dizer *“que todos os nossos velhinhos sejam nenhuma flor que se cheire”*¹⁵. O que buscamos, simplesmente, foi fazer uma análise sobre as questões que envolvem a Terceira Idade, baseados na idéia de que esta fase na vida dos indivíduos é natural e comum a muitos seres humanos, e por isso, pode ser vivida e entendida de maneira diferente daquela que, inconscientemente, carregamos com uma infinidade de estereótipos pré concebidos.

A nossa pesquisa retratou uma postura diferenciada dos ditos “velhos”, que aqui nos surpreenderam, com a sua grande vitalidade. Além disso, vimos idosos que se posicionam diante da questão da marginalização contra sua pessoa, como é o exemplo da Dona Rosina que diz: *“cabe ao próprio idoso não se deixar ser marginalizado pelos outros,”* e acrescenta: *“para isso ele deve estar sempre procurando os ambientes próprios a ele, exercendo a sua participação, procurando sempre conversar com as outras pessoas.”*

Esta pesquisa trouxe nos ainda, preocupações com a situação da maioria dos idosos no Brasil, que desassistidos pelos órgãos públicos, abandonados por suas famílias e tendo como certeza apenas o descaso por parte dos Governantes, encontram se relegados a um terceiro plano. E o Estado, que pouco se preocupa com o bem estar e as estruturas sociais, principalmente as voltadas aos idosos, deixa claro que o nosso país não está preparado para o crescente contingente populacional de idosos.

Isso porque, segundo alguns estudos, a partir do ano 2000 o Brasil passará a ocupar a sexta posição mundial em números de idosos. Dados que reforçam a nossa apreensão, uma vez que não se vê nenhuma mobilização governamental em favor de definir metas para estes fins.

Assim, lembrando que apesar da falta de atitude dos órgãos governamentais, há ainda as entidades como o SESC que, mesmo não atendendo à toda a população, proporciona a

¹⁵ MORAES, Vinicius – Obra já citada.

existência de pessoas como o “Grupo dos Mais Vividos”. Pessoas alegres e com vontade de viver cada dia com muito prazer.

Isto nos leva realmente a crer que podemos encarar a velhice de forma diferente, esquecendo dos rótulos que a ela foram determinados. E o mais importante, entendemos que a Terceira Idade não precisa significar uma fase da vida na qual não se pode fazer mais nada, a qual se deve obrigatoriamente aposentar e esperar que o tempo resolva o resto. Ao contrário, vimos que se o idoso ainda possui alguma vitalidade, deve então no mínimo preservá-la com exercícios físicos e com uma vida alegre e saudável e, buscando aproveitar ao máximo o seu tempo disponível. Ou se não possui essa vitalidade, deve então ter como cuidar de sua saúde.

Enfim, vimos e acreditamos que os idosos devem e tem o direito à felicidade e a dignidade, pois antes de serem “velhos”, são indivíduos com capacidade criativa, raciocínio e sentimentos, ou seja, Seres Humanos e como tal merecem ser tratados.

BIBLIOGRAFIA

ALBERT, Verena. *História Oral e a experiência CPDOC*. Ed. Fundação Getúlio Vargas .
Rio De Janeiro, RJ 1990.

BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*, São Paulo. Difusão Européia do Livro 1976

BOISANELLO M. Augusta e Bolsanello Aurélio. *A velhice: Análise do comportamento Humano em Psicologia*. Vol. 4 . São Paulo.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. Direção: Alfredo Bosi, 2ª.
edição. São Paulo. TA. Queiroz 1978.

BRANDÃO, Ignácio Loyola, SESC, 50 anos: in: *Revista 50 anos – SESC*. São Paulo,
Editora Gente 1996.

CAMARGO, Aspásia Alcântara de. *A História Oral e História*. Rio de Janeiro: 1976
Conferência realizada I Seminário Brasileiro de Arquivos Municipais, Rio de
Janeiro: UFF, 2-6 agosto, 1976.

CANÔAS, Cilene Swain. *A Condição Humana do Velho*, Swain Canôas. São
Paulo, 1983.

COMFORT, Alex. *A Boa Idade*, São Paulo. Círculo do Livro. S.A , 1977.

DaMATTA, Roberto, *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*: São Paulo, Brasiliense 1985.

DEBERT, Guita Grim. A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação formas de consumo.

In: *Revista Brasil*. _ Da associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa das Ciências Sociais. Vol 12. nº 34 Junho de 1997.

FERREGNO, José Carlos. “A Sexualidade dos Mais Velhos” *Revista Intercâmbio*, Rio de Janeiro, v1, nº 3, Set/Dez 1988, páginas 1-52.

FERREIRA, Marieta de & AMADO, Janaína. História Oral: Balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: *Usos e Abusos da História Oral*. Fundação Getúlio Vargas. 1995.

FOLGATO, Marisa. *País de Jovens envelhece rapidamente*. _ O Estado de São Paulo, 25/04/1993. Caderno 6. Mais! P4.

FRAIMAN, Ana. Sexualidade e Novos Desafios. In: *Coisas da Idade*. São Paulo. Ed. Gente. 1995.

FRANÇA, Lúcia Helena de Freitas Pinho. “Perspectivas Existenciais num Grupo de Idosos” em *Revista Intercâmbio*, Rio de Janeiro, v 2, nº 1, Mai/Ago 1988, pags 29-40.

FRANÇOIS, Etienne . A Fecundidade da História Oral. In: *Usos e Abusos da História*

Oral. Fundação Getúlio Vargas. 1995.

GAIARSA, José Ângelo. *Como enfrentar a velhice*. São Paulo: Ícone: Campinas: Unicamp 1986. 3ª edição.

HAYFLIK, L. Definindo Envelhecimento. In: *Como e porque envelhecemos*. Rio de Janeiro. Campus. 1996.

LIBERATO, Elizabet Moraes. Educação Continuada e Faculdade da Terceira Idade. In: *Caderno da Terceira Idade*. São Paulo. SESC, ano IX, nº 12, 1996.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. Envelhecimento e Resistência Cultural in: *Intercâmbio*, Rio de Janeiro, v 1, nº 1, Jan/ Abr 1988, pags 5-16.

_____. Idosos: Projeto de Vida e Sociedade in: *Revista Intercâmbio*, Rio de Janeiro, v 6, nº 2, Set/Dez 1989, pags 21-29.

MASCARO, Sônia de Amorim. *O que é Velhice*. Sônia de Amorim Mascaro- São Paulo. Brasiliense. 1997. (Col. Primeiros Passos)

MONTENEGRO, Antônio Torre. *História Oral e Memória*. São Paulo: Contente. 1989.

MONTÓIA, Ana. Da sociabilidade à solidariedade: as tentativas de definição pela sociologia no século XIX. In: *História & Perspectivas*, nº 14/15, Jan/Dez 1996, páginas 23-35

MORAGAS, R. M. Envelhecimento Biológico. In: *Gerontologia Social envelhecimento e qualidade de vida*. São Paulo. Paulinas. 1997.

_____. Psicologia. In: *Gerontologia Social envelhecimento e qualidade de vida*. São Paulo. Paulinas. 1997.

NORA, Pierre. *Entre memória e História A problemática dos lugares*. Ed. Gallimard. 1984.

PAPALÉO NETO, Matheus. Envelhecimento: Desafios na Transição do Século. In: *Gerontologia*. São Paulo. Atheneu. 1996.

POLLAK, Michael. Memória Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. Ed. Ângelo de Castro Gomes. 1989/3.

RIVA, Eliana Barbosa Gonçalves. Terceira Idade. Programa Integrado. In: *Caderno da Terceira Idade*. São Paulo, SESC, ano IX, n.º 12, 1996.

SALGADO, Marcelo Antônio. Escola Aberta para Idosos: uma abordagem sócio-educativa. In: *Caderno da Terceira Idade*. São Paulo, SESC, ano X, n.º 19, 1996.

SAMUEL, Rafael. Documentação: História Local e História Oral. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero. ANPUH/ MCT, CNPQ. 1990. n.º 19.

SILVA, José Anísio. "O Idoso no Brasil: Novas propostas" in: *Intercâmbio*. Rio de Janeiro, v.10, nº 4, Jau/Abr 1991, pags 15-25.

SILVA, Maria Ana Moura de Oliveira. Velhos de ruas no Brasil. A morte silenciosa. In: *Caderno da Terceira Idade*, São Paulo, SESC, ano IX, nº 12, 1996

SILVA, Osvaldir Vieira. Envelhecer no Brasil, uma aventura. In: *Revista 50 Anos – SESC*. São Paulo, editora Gente 1996.

SKINNER, Burrhus Frederic, *Viva bem a velhice aprendendo a programar sua vida* / B.F.Skinner e M.F. Vaughan; São Paulo, Samus. 1985 3ª edição.

VIANA, Marcos Aurélio Ferreira. O melhor ano da vida. In: *Revista 50 anos – SESC*. São Paulo, Editora Gente 1996.

SCIARRETTA, Toni. *População idosa cresce no Brasil*. In: Folha de São Paulo, 10/12/98 – página 01.

THOMSON, Alistar, Frish, Michael e Hamilton, Paula. The memory and history debates: some international perspectives. *Journal of Oral History*. An. 1994, páginas 33-43.